

REPRESENTAÇÃO DE PROFESSORA NA LITERATURA DE ÉRICO VERÍSSIMO: UM ESTUDO DOS ROMANCES CLARISSA (1933) E MÚSICA AO LONGE (1935)

Roselusia Teresa Pereira de Moraes

Mestranda do PPGE da FaE/UFPEl

Membro do Grupo HISALES –

História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares

Bolsista da CAPES

e-mail:roselusia@bol.com.br

Resumo

O presente trabalho propõe apresentar a representação de professora a partir dos romances “Clarissa” e “Música ao Longe”, produzidos por Érico Veríssimo, em 1933 e 1935, respectivamente. Este estudo faz parte de um projeto mais amplo, em desenvolvimento, que analisa a representação docente a partir dos romances produzidos pelo escritor Érico Veríssimo (1905 – 1975). Os pressupostos teórico-metodológicos que embasam este estudo procuram aproximar a Literatura e os estudos de História da Educação. A Literatura como fonte de estudo para a História da Educação permite acessar as representações assim como os discursos produzidos em torno do objeto de estudo investigado.

Apresentação

O presente trabalho propõe apresentar a representação de professora a partir dos romances “Clarissa” e “Música ao Longe”, produzidos por Érico Veríssimo, em 1933 e 1935, respectivamente. Este estudo faz parte de um projeto mais amplo, em desenvolvimento, que analisa a representação docente a partir dos romances produzidos pelo escritor Érico Lopes Veríssimo (1905 – 1975)¹.

Os pressupostos teórico-metodológicos que embasam este estudo procuram aproximar a Literatura e os estudos de História da Educação, a partir das contribuições da História Cultural. Para a realização deste estudo foi utilizado, principalmente, o conceito de representação de Roger Chartier (1990) que pressupõe reconhecer uma maneira própria de grupos sociais estarem no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição social. Além disso, os estudos de pesquisadores da História da Educação e da História da Literatura contribuíram na compreensão do objeto de estudo investigado.

¹ O presente estudo faz parte de um projeto de dissertação de Mestrado, em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação - da Universidade Federal de Pelotas, que analisa as obras literárias do escritor Érico Veríssimo. Este trabalho é orientado pela professora Dra. Eliane Peres (PPGE da FaE- UFPEl)

A História da Educação como campo de pesquisa vem ampliando a noção e a utilização de fontes e documentos sobre um objeto de estudo. No campo das pesquisas educacionais, a partir da década de 1980, instauraram-se mudanças no fazer histórico, com o advento da Nova História Cultural que trouxe consigo uma ampliação das fontes (NASCIMENTO, 2003).

Isso tem significado, também, uma produção de trabalhos que vem demonstrando uma “vitalidade” e um “alargamento” da interlocução com uma variada gama de disciplinas acadêmicas, e entre elas a Literatura. Isso permite uma grande contribuição ao entendimento dos intercâmbios e aproximações no campo de produções em História da Educação no Brasil.

Ao longo da História, foram constituídas diferentes imagens do professor, as quais passaram por transformações e algumas continuam no imaginário social. Essas imagens constituem o sujeito em diferentes posições através dos diversos discursos que foram sendo instituídos e circula através de diferentes formas, uma delas é o romance.

Recentes estudos desenvolvidos por Lopes (2005); Mendonça e Alves (2008); Moraes (2008); Pesavento (2008); Zechlinski (2008), apontam análises realizadas na História da Educação tendo como suporte teórico-metodológico as relações entre história, narrativa, ficção, literatura, memória e produção literária. Esses estudos revelam que há uma tendência que busca aproximar a História da Educação e a Literatura a partir de pressupostos que permitam reconhecer processos educacionais revelados nos textos literários.

Zilberman (2004) em seu artigo intitulado “Literatura e história da educação: representações de professor na ficção brasileira”, indica professores e professoras como personagens recorrentes nas obras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, José de Alencar, Adolfo Caminha, Mário de Andrade, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. A representação da figura do professor identificada nessas obras aponta o modo como a sociedade entende e idealiza o docente, tanto no masculino como no feminino.

O romance enquanto uma narrativa densa é uma possibilidade de apreensão de aspectos pertinentes sobre a imagem da normalista e professora Clarissa a partir da escrita de Érico Veríssimo.

O escritor Érico Veríssimo e a personagem Clarissa

No Brasil, as publicações da década de 1930 fomentaram o mercado editorial. Esse movimento prosseguiu tanto que “as casas editoras, estimuladas pela procura do livro e pela quantidade dos originais que lhes são oferecidos (...) disputam os autores, aumentam suas tiragens e o movimento editorial prospera formidavelmente.” (HALLEWELL, 1985, p.338). Dentre os autores nacionais um dos mais procurados foi o escritor Érico Veríssimo.

Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes Veríssimo. E morreu de enfarte, em 1975. Descendente, pelo lado paterno, de emigrantes portugueses da Freguesia do Ervedal, na Beira Alta e, pelo lado materno, de tropeiros de Sorocaba. (VERÍSSIMO, 1981)

Érico Veríssimo dedicou-se à ficção, à histórica, à literatura infantil e infanto-juvenil, a livros de viagem, biografias, ensaios, artigos e crônicas. Os seus livros estão traduzidos em diversas línguas e publicados em nível nacional e internacional. Além disso, várias das suas obras foram adaptadas para a televisão e cinema. (BOSI, 1994).

Além disso, recebeu inúmeras premiações, entre elas: o Prêmio Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional (com “Música ao longe”), em 1934; Prêmio pela Fundação Graça Aranha da Academia Brasileira de Letras (com “Caminhos cruzados”), em 1935; os Prêmios Jabuti, da União Brasileira de Escritores, em 1966 e o Prêmio Juca Pato (como Intelectual do ano), em 1967; Personalidade Literária do Ano, Pen Clube – em 1972; Prêmio Literário da Fundação Moinhos Santista, em 1973, para o conjunto da sua obra; e o grau de *Doutor Honoris Causa* de Literatura conferido pelo *Mills College*, na cidade de Oakland, na Califórnia. (COUTINHO, 1986).

Alguns estudiosos da História da Literatura Brasileira como, por exemplo, Antônio Cândido (2000), Alfredo Bosi (1994), Afrânio Coutinho (1986), Massaud Moisés (2001) e Abdala Junior (1997), apontam traços e momentos marcantes na produção das obras de Érico Veríssimo. Esses estudiosos apontam-no como sendo um escritor da era modernista que se caracteriza em suas obras pela ênfase na análise psicológica dos personagens e de costumes da época em que foram produzidas.

Érico Veríssimo inaugura a sua carreira como romancista com a produção do romance “Clarissa”, que foi escrito em “quinze tardes de sábado e uma boa dúzia de domingos, feriados e dias santos”. (VERÍSSIMO, 2005, p. 12). Nesta época, para aumentar a renda mensal, o autor trabalhava como secretário da Revista do Globo, redigia uma página feminina para o Correio do Povo e traduzia novelas policiais inglesas para a Livraria do Globo. O livro apareceu, em novembro de 1933, numa coleção de volumes de pequeno formato (VERÍSSIMO, 2005).

O primeiro romance de Érico Veríssimo trata as descobertas da jovem Clarissa Albuquerque, de quatorze anos de idade, “[...] morena, olhos pretos e levemente oblíquos, rosto oval, cabelo repartido no meio e muito lambido.” (VERÍSSIMO, 2005, p.165). A personagem é natural de Jacarecanga, e mudou -se para capital do Estado, Porto Alegre para estudar na Escola Normal.

Nos romances: “Música ao longe”, produzido em 1935; “Um lugar ao sol”, produzido em 1936; e “Saga”, produzido em 1940, a personagem Clarissa reaparece e desenvolve o ofício de professora. No entanto, para este artigo foram selecionados apenas os romances “Clarissa” e “Música ao Longe” com a finalidade de identificar o perfil e atuação de Clarissa enquanto normalista e professora.

Clarissa, de normalista à professora

“[...] Vestida de verde, boina branca na cabeça, pasta debaixo do braço.” (VERÍSSIMO, 2005, p.22), Clarissa é uma jovem normalista que vê a escola como uma “obrigação”, como é possível identificar no trecho, do primeiro romance de Érico Veríssimo, que segue:

Clarissa segue num encantamento. Sua sombra se espicha na calçada. Como a vida é boa! E como seria mil vezes melhor se não houvesse esta necessidade (necessidade não: obrigação) de ir para o colégio, de ficar horas e horas curvada sobre a classe, rabiscando números, escrevendo frases e palavras, aprendendo onde fica o cabo da Boa Esperança, quem foi Tomé de Souza, em quantas partes se divide o corpo humano, como é que se acha a área de um triângulo.... Os olhos de Clarissa dançam de cá para lá examinando tudo [...] (VERÍSSIMO, 2005, p.25)

Sobre o ambiente escolar uma das imagens de normalista, descritas na obra literária “Clarissa”, revela: “[...] O colégio... Livros, mapas, Ouviram do Ipiranga as margens plácidas... classes, cabeças curvadas sobre cadernos, cochichos,

murmúrios e uma vontade doida de sair para o sol, de correr, ver a rua, as pessoas, as casas, o céu, os bondes, os automóveis [...]” (VERÍSSIMO, 2005, p.16). Esta descrição nos aponta elementos que representam o universo escolar e a relação de Clarissa com as atividades escolares.

O ambiente escolar, no romance “Clarissa”, aponta: “[...] Na escola, sempre o mesmo quadro cansativo. Um mar agitado de cabeças que nunca se aquietam. Cochichos. Cícios. Na parede, os mapas. [...] Em outro quadro há um esqueleto em tamanho natural [...] Nos recreios a algazarra é ensurdecadora.” (VERÍSSIMO, 2005, p.188). A descrição do espaço e das atividades escolares definem uma espécie de “prisão” para Clarissa que se sente obrigada à freqüentar as aulas.

O aspecto físico da instituição que ela estuda pode ser identificado no trecho da narração que segue: “[...] Retoma a marcha e dentro em pouco avista a fachada amarelenta do colégio, com as suas sacadas de ferro, o seu ar de casarão assombrado. [...] Clarissa ajeita a boina e acelera o passo. O saguão do colégio tem um bafio de porão, um cheiro de velhice.[...]” (VERÍSSIMO, 2005, p.27-28)

As práticas escolares referenciadas na obra indicam atividades como: exames/provas; leituras de livros – de maneira coletiva e silenciosa; argüição; cântico do hino da pátria; chamada do nome dos alunos; horário definido para as aulas; a atuação e o perfil da professora de Clarissa; e entre outros. Estas atividades, em muitos momentos, são questionadas e refletidas pela personagem principal, como podemos identificar no trecho que segue:

[...] Em cima da mesa, sob os olhos, Clarissa tem livros e cadernos abertos.
[...]

“D. Eufrasina ordena:

- Não perca tempo, menina. Estude.

Clarissa baixa os olhos:

Geografia. Matéria cacete. Decorar, decorar, decorar... e uma noite tão bonita lá fora!

O maciço montanhoso do leste é formado de terras antiqüíssimas que os agentes naturais têm nivelado ao estado de planaltos.

Clarissa lê e relê o período. Fecha o livro e os olhos e procura repetir de cor o trecho lido. [...]

Detém-se. E depois? Abre o livro:

O maciço montanhoso do leste é formado de terras antiqüíssima... Mas por que antiqüíssimas e não antigüíssimas? Que as agentes naturais... Mas que agentes naturais são esses? Eu conheço o agente do correio de Jacarecanga, que é o seu Moreira. Agentes naturais... Que é isso? A gente nem entende nada, como é que vai aprender? [...]” (VERÍSSIMO, 2005, p.58)

A leitura feita pela normalista possibilita questionamentos em torno do que é lido e, conseqüentemente, sobre a sua aprendizagem escolar. Na obra “Clarissa”, as leituras realizadas são apresentadas de modo reflexivo pela personagem principal, a normalista Clarissa, a partir dos livros sugeridos pelo colégio e também os livros que a mesma lê às escondidas.

Em “Música ao Longe”(1935), Clarissa reaparece como professora recém-formada, lecionando em sua terra natal, Jacarecanga. Veríssimo afirma que: “Esta história foi escrita em quinze ou vinte dias, especialmente para concorrer ao ‘Prêmio de Romance Machado de Assis’ instituído em 1934 pela Cia. Editora Nacional de São Paulo” (VERÍSSIMO, 1983, p. 7).

Encontramos nessa história trechos do Diário de Clarissa, através dele a professora descreve o seu dia-a-dia e aspectos sobre o seu perfil e atuação docente. Este diário é um registro íntimo que revela o hábito de leitura e escrita da professora. Dessa maneira, a atividades da Clarissa se configura a partir de um perfil de leitora e escritora.

Em “Música ao Longe”, atividades como corrigir cadernos dos alunos, escrever em um diário e ler romances são recorrentes nas atividades da professora Clarissa. Também são evidenciados alguns aspectos como: atitudes e atividades da professora Clarissa em sala de aula; a relação entre a essa professora e os seus alunos no ambiente escolar; as exigências do colégio no ofício de professora; a configuração e disposição de alguns elementos no espaço escolar; e entre outros.

São apresentadas normas de conduta e comportamentos permitidos e “proibidos” nos espaços de sociabilidade nos quais a professora Clarissa transita. Exigências de conduta são evidenciadas na figura de ser professora, como é possível identificar no trecho que segue:

[...] Um cupim ergue-se à beira da estrada, como uma montanha vermelha em miniatura.
Clarissa senta-se em cima dele. D. Clemência grita:
- Saia daí, menina, tenha modos, nem parece uma professora! (VERÍSSIMO, 1983, p.62)

Também é apontado, no romance “Música ao Longe”, a exigência da professora lidar com um repertório de saberes. Esse aspecto pode ser identificado no seguinte fragmento:

- Vocês sabem a origem das manchas que vemos na lua?
Olha em torno, de cara em cara, procurando ver se alguém sabe. E junta?
 - A Clarissa naturalmente sabe, é professora...
- (VERÍSSIMO, 1983, p.104)

Compreender a professora Clarissa, nos romances produzidos por Érico Veríssimo, exige também um entendimento sobre gênero que requer pensar as identidades de gênero continuamente se construindo e se transformando no espaço social, ou seja, “em relações sociais permeadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo.” (LOURO, 1998, p.28). Embora esse conceito seja complexo e transitório, pois envolve diversas articulações sociais e históricas que devem ser considerados nos processos de construções de identidades, este entendimento, para Scott (1995), nos possibilita identificar as representações simbólicas que são invocadas em seus contextos.

Embora este trabalho não tenha esgotado todas as possibilidades de estudos é possível indicar temáticas que envolvem as representações docentes divulgadas através dos romances. As análises preliminares sobre as representações da personagem Clarissa, a partir dos romances “Clarissa” (1933) e “Música ao Longe” (1935), indicam o perfil de uma professora leitora, escritora e questionadora do universo escolar.

Considerações finais

A possibilidade de identificar representações a partir da Literatura é legítima ao considerar “(...) o documento literário e o artístico como plenamente históricos, sob a condição de ser respeitada a sua especificidade.” (LE GOFF, 2003, p. 11). A Literatura, e especificamente os romances Clarissa (1933) e Música ao Longe (1935), como fonte de estudo para a História da Educação permite acessar as representações assim como, os discursos produzidos em torno do objeto de estudo investigado. Considerando as suas particularidades existentes na fonte e no espaço/ e tempo configurado.

A escrita literária pode ser compreendida como uma prática humana situada em um contexto e que tem formas, modos e estruturas próprias. A narrativa, a

poesia, o conto, o romance, a crônica e entre outros textos literários, nos permite acessar idéias, ideais, representações, símbolos, costumes e entre outras inúmeras possibilidades. Nessa perspectiva, personagem Clarissa evidencia representações acerca do universo escolar e a sua formação docente, sob o olhar do escritor Érico Veríssimo.

Referências Bibliográficas:

ABDALA JUNIOR, Benjamim; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. 5º ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**. 3º ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1986.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo. Editora da USP, 1985.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.(Coleção: O que você precisa saber sobre...).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MASSAUD, Moisés. **História da Literatura Brasileira: Modernismo (1922 – Atualidade)**. 6º ed. São Paulo: Editora Cultrix. 2001.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão, Grupo de Estudos Pesquisas em História da Educação/ NPGED/ UFS, 2003.

TEIXEIRA, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano (orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica. 2000.

VERÍSSIMO, Érico Lopes. **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Coleção Companhia de Bolso).

VERÍSSIMO, Érico Lopes. **Música ao Longe**. Rio de Janeiro: Editora Globo. 1983.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA Filho, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº45, p. 37-70, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação & realidade**. 20(2): 71-99, julho/dezembro 1995 (original de 1988). Porto Alegre: FASED/UFRGS.

ZILBERMAN, Regina. Literatura e história da educação: representações do professor na ficção brasileira. In: **Revista História da Educação/ASPHE**. FAE/UFPEL. n.15. (abril 2004). Pelotas: ASPHE. p.73-88.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5º ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.(Coleção: O que você precisa saber sobre...).

LOPES, Eliane Marta Teixeira. História da Educação e Literatura: algumas idéias e notas. **Revista do Centro de Educação**. Edição 2005. Vol. 30. N 2. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a10.htm>>; Acesso em: 10 abr.2008.

LUCA, Pedro Paulo. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo. Contexto, 2006. p.203-233.

MENDONÇA, Carlos Vinicius Costa de; ALVES, Gabriela Santos. Os desafios teóricos da História e a Literatura. **Revista História Hoje**. Vol. 1. Nº 2. Dezembro 2003. ISSN 1806-3993. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n2/historialiterat.htm>>; Acesso em: 10 abr. 2008.

MORAES, Dislane Zerbinatti. **Fontes e objetos históricos no ensino de História da Educação**: os lugares do texto literário. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/92DislaneZerbinattiMoraes.pdf>>; Acesso em: 10 abr. 2008.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão, Grupo de Estudos Pesquisas em História da Educação/ NPGED/ UFS, 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Sobre o campo da História da Educação na região Nordeste. In: VASCONCELOS, José Gerardo e NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **História da Educação no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 29-43

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. **Revista nuevo mundo- mundos nuevos**. Disponível em: <
<http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>>; Acesso em: 10 abr. 2008.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1981.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA Filho, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº45, p. 37-70, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. O Campo da História da Educação no Brasil. In: VASCONCELOS, José Gerardo e NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **História da Educação no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 15-28.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. História e Literatura: questões interdisciplinares **História em Revista**. Disponível em: <
http://ich.ufpel.edu.br/ndh/volume_09_2003.html> Acesso em: 10 abr. 2008.